

O PANORAMA.

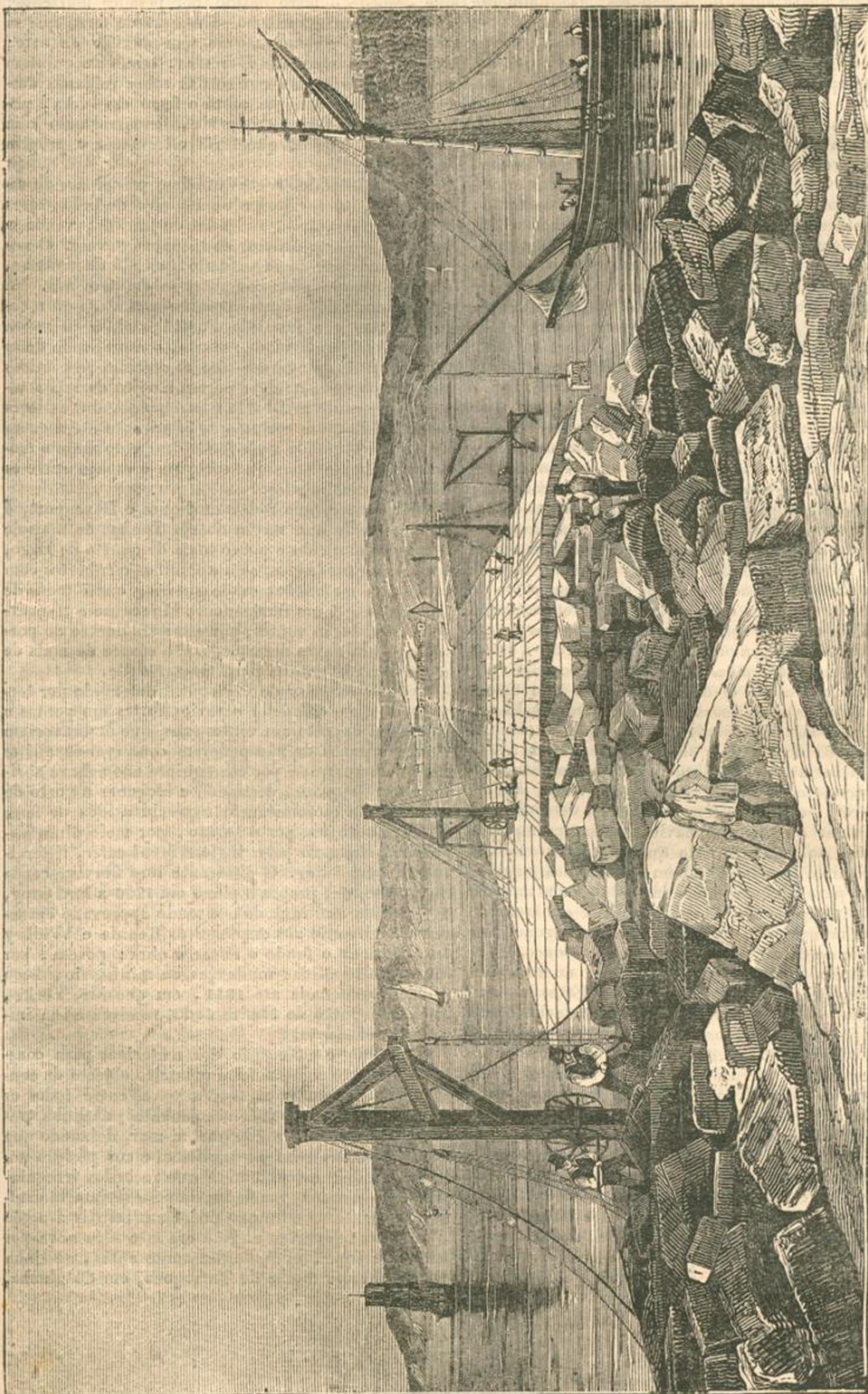
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis.

122)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (AGOSTO 31, 1839)



O QUEBRA-MAR DE PLYMOUTH EM SETEMBRO DE 1837.

O PORTO E GUERRA-MAR DE PLYMOUTH.

PLYMOUTH, famoso porto d'Inglaterra, está situado no condado de Devonshire, dentro do canal, entre as embocaduras de dois rios de pouca consideração, o Tamar e o Plym; deste ultimo tomou nome a cidade, porque Plymouth quer dizer *foz ou boca do Plym*. Pelos annos de 1400 apenas existia neste local uma pobre aldea de pescadores; gradualmente porém se foi erigindo a populosa cidade, onde hoje está o segundo arsenal da marinha ingleza, e que consta de tres grandes povoações reunidas, que em outro tempo foram separadas; Plymouth, Stonehouse, e Devonport, com a população total de 75:000 habitantes.

Desde a paz de 1815 tem melhorado esta cidade consideravelmente em edificios publicos e casas particulares. O seu theatro, á excepção dos dois grandes da capital, é o mais formoso do Reino-unido: a bibliotheca publica, o atheneu são tambem edificios espaçosos e elegantes. Entre os estabelecimentos publicos mais principaes contam-se o hospital naval e os quartéis da marinha real. O primeiro está n'uma aprasivel eminencia, e consta de dez peças ou corpos, que fórman um vasto quadrangulo; encerra 1:200 leitos, administrado tudo com tanta perfeição que é assumpto d'admiração para quem visita o estabelecimento. Um nosso viajante diz: *é mais um palacio que um asylo para doentes; tudo nelle respira magnificencia, belleza, humanidade, e accio.* (*) Segundo os registos entraram neste hospital, do anno de 1800 a 1815, 48:452 marinheiros. Os quartéis são compostos de muitos corpos, e tem capacidade para 20:000 homens. Porém de todas as obras publicas de Plymouth as mais consideraveis são os diques; empreza vastissima que começou no reinado de Guilherme 3.^o e d'então para cá se tem melhorado cada vez mais, e estão na parte do porto, chamada ha doze annos, por determinação regia, Devonport, com representação no parlamento distincta de Plymouth. Os diques estão á beira do vasto canal *Hamoaze*, separados da povoação por uma alta muralha. O dique novo não tem tecto, sendo algumas vezes necessario que entrem nelle navios com toda a mastreação: tem 223 pés de comprimento, 78½ de largo e 26 de profundidade; é o maior d'Inglaterra. O dique *duplo* é tambem muito interessante, e chama-se *duplo* por serem dois em linha recta: o interno tem comportas, de modo que póde entrar ou sair um navio sem interromper as operações do primeiro. Ha quatro diques cubertos com telheiros immensos, e com muitissimas janellas. O logar para a construcção das peças d'um navio é uma das partes mais curiosas, divide-se em tres corpos com mui grandes tectos, construidos segundo um principio de carpintaria, chamado de *balance*, e são os melhores modelos de construcção, no ramo de marinha, que se conhecem no mundo. Estes immensos edificios não só protegem contra a inclemencia do tempo os trabalhadores, mas contribuem muito para a conservação das madeiras. A multidão de officinas para os diversos trabalhos, o armazem d'enxarcias e de velame, os vastos corredores de petrechos causam assombro aos estrangeiros. As duas fabricas de cabos foram construidas por um plano da maior segurança, não tem outros materiaes senão ferro e pedra, os prumos, o vigamento &c. são de ferro coado, e os pavimentos de pedra. Cada fabrica tem 1097 pés de comprimento, e nellas se fazem cabos, para navios de 120 peças d'artilharia, e que tem 88 braças de comprimento e prodigiosa grossura. O ar-

mazem de mastros e vergas é de extensão consideravel, e encerra grande numero daquelles madeiros enormes, já promptos para serviço. A ferraria é um edificio espaçoso de 152 pés de comprimento, e 126½ de largo. Os trabalhos que ahi se fazem appresentam uma scena terrifica. Quarenta e oito forjas arrojam ao mesmo tempo grossos volumes de fogo e fumo, quando de todos os lados saltam as chispas que despede o ferro batido por pesados martellos: algumas vezes empregam-se massas de ferro que os homens não pódem manear sem auxilio da arte; uma destas, chamada *Hercules*, tem oito quintaes de metal e suspensa por cordas sobre roldanas desce perpendicularmente sobre o ferro em braza, para dar-lhe a fórma requerida, descarregando com effeito tão horrido que faria estremecer o proprio vulcano.

O superintendente e os officiaes principaes do estabelecimento residem n'uma fileira de bellas casas de varios tamanhos, rodeadas de jardins; vendo-se por toda a parte ornatos de tropheus navaes. O numero d'artifices varia segundo o estado da marinha, e regularmente póde computar-se em tres mil. Na extremidade dos diques, porem separada, está a casa d'armas e a fundição d'artilharia, a primeira não tem particularidade notavel, comprehende umas 20 a 25 mil espingardas com os objectos respectivos para tropa de marinha; porem a vista de seis a oito mil peças de artilharia e caronadas, dos calibres de 12 a 72, causa certamente admiração até a quem estiver acostumado a vêr fundições; e do mesmo modo as serras de balas que occupam o espaço entre os dois estabelecimentos.

O *Hamoaze*, que rodea os diques e Devonport, é um espaço de mar na foz do rio Tamar, de mais de legua de comprimento e pouco mais de quarto de largo, onde estão fundeados, sem aparelhos e cubertos com taboas, os maiores vasos de guerra, quasi todos de tres pontes. É um fundeadouro tão seguro e resguardado de todos os ventos, por estar tão dentro do porto, que um navio desarmado não carece de mais de meia duzia d'homens para tractar delle.

O porto exterior de Plymouth, defendido por terra com uma cidadella e varios fortes em pontas e ilhas, era exposto aos ventos sues, que embraveciam o mar a ponto de não poderem conservar-se alli os navios de guerra, e por conseguinte não achava abrigo a forte esquadra destinada a bloquear o porto de Brest. Esta circumstancia suggeriu a idéa de fazer de Plymouth um porto seguro, por meio d'um *para-mar*, chamado pelos inglezes *breakwater*, litteralmente *rompe-mar*. O almirante lord Jervis, conde de S. Vicente, propoz o plano em 1806 a lord Grey, 1.^o lord do almirantado, e sendo approvado encarregou o governo aos engenheiros Rennie e Widbey de examinar o fundo e riscar a obra; porem, por causa das repetidas mudanças de ministerio, ficou a idéa abandonada até 1811, em que Mr. Yorke, presidente então do almirantado, resolveu a sua immediata execução.

A eleição e collocação dos materiaes para construir obra tão colossal foi o primeiro objecto de consideração. O modo mais praticavel entre todos os propostos foi lançar enormes penhascos na linha traçada para fundamento do quebra-mar, deixando que achassem a sua base e assumissem a sua posição pela gravidade; calculando-se que rochedos irregulares de uma a duas toneladas de peso seriam tão sufficientemente pesados que poderiam resistir á acção d'um mar tempestuoso. Não era esta idéa nova por certo, porque, mais de dez annos antes, se tinha feito o famoso molhe de Tarragona, em Catalunha,

(*) O Sr. Lago. Cinco annos d'emigração. Tom. 1.^o Cart. 2.^a

pelos mesmos principios, do mesmo modo e com feliz exito. As immensas pedreiras de pedra calcarea que se acham quasi nas margens do Catwater forneciam cantaria e penedos de maior peso do que o requerido, com a vantagem de se poderem embarcar com facilidade.

Nomeado Whidbey superintendente dos trabalhos começaram estes a 7 d'Agosto de 1812, foi tal a actividade, e boa ordem na direcção, que a 31 de Março de 1813 na baixamar descobriu-se a formidavel muralha, ou *breakwater*. De então para cá successivamente progrediu este magnifico e util monumento, que segura um porto de grande movimento maritimo, e attesta a perseverança da nação opulenta que o edificou. A celeridade com que se executou a obra parece que motivava desconfianças acerca da sua fortaleza e permanencia, em quanto não houvesse um temporal desfeito para comparar o impeto do elemento com a resistencia da arte humana. Com effeito occorreu um vendaval furioso a 19 de Janeiro de 1817, tal que não ha memoria de outro semelhante entre os mais antigos habitantes de Plymouth. Duas embarcações de guerra que estavam fundeadas no porto, porem fóra da protecção do quebra-mar, se fizeram em pedacos na costa, ao passo que outra carregada de carvão que estava ao abrigo do *breakwater* se conservou perfeitamente sem damno algum. Depois com mais vagar e com toda a solidez continuaram os trabalhos até formarem uma barreira insuperavel ás furias do mar tempestuoso. A nossa gravura apresenta um desenho desta obra no estado em que estavam os trabalhos em Setembro de 1837, quando ainda faltavam umas 80 braças por completar para a ponta do Oeste.

DO CHRISTIANISMO.

(Continuado de pag. 221).

DE todas as contradicções da philosophia do seculo passado, a radical era, talvez, que os diversos escriptos d'esse tempo dirigidos a um unico alvo — a destruição do christianismo, tinham entre si oppositos fundamentos. Assentavam uns no racionalismo, outros no materialismo. Descartes deduziu do pensar a existencia quando disse: *eu penso; logo existo*: Locke deduziu o pensar da existencia material, affirmando que nada havia no entendimento que este não tivesse recebido pelos sentidos; era a opposição das antigas philosophias de Aristoteles e de Platon, renovadas com modificações; sobre tudo a platonica; porque Descartes regeitando o consentimento universal, a tradição, a consciencia, a experiencia dos sentidos — nenhum principio de certeza admittia senão o raciocinio. Sobre estas bases assentaram dois systemas que necessariamente deviam ser fataes ao christianismo, porque ambos elles regeitavam a certeza da tradição e da auctoridade: um por causa da razão, outro por causa da experiencia. Era assim que quando se tractava de *accommitter* a religião se lhe oppunham principalmente os argumentos methaphysicos ou os deduzidos de suppostas verdades physicas, os quaes reunidos nos mesmos livros os tornavam muitas vezes absurdos e contradictorios.

O abbade Lammenais, dotado de alma essencialmente christã, veio n'uma epocha em que, como dissemos, as luctas religiosas tinham acabado, as armas estavam quebradas, os contendores jaziam na arena do combate, e nenhum novo gladiador se apresentava nella. Viu que os animos se affastavam

com tedio de semelhantes peijas, e que a questão religiosa acabava da inanição. Uma paz de sepulchro — a indifferença — succedia ao ruidoso batalhar do antecedente seculo. Como o marinheiro desesperado, que vendo soçobrar o navio, se assenta com os braços cruzados, e espera immovel que o oceano o trague, o genero-humano assentou-se á borda de um abysmo de duvidas, e não perguntou mais a si mesmo qual seria o mysterio da sepultura.

Isto era horrivel: — o auctor do livro da *Indifferença* o sentiu; mas o que talvez não ponderou foi que a indifferença era o repouso de um longo combate; uma necessidade humana, como o tinha sido o pelear que precedera este repouso: no seculo 18.^o só havia a reprehender a deslealdade nas armas que se empregavam na lucta; no resto elle não fizera senão cumprir a sua missão; representar no grande drama humanitario o papel que lhe incumbia: o 19.^o, no seu berço, parecia morto; mas era que dormia para acordar vigoroso, e alevantar depois ao ceu um novo hymno d'esperança e de fé.

A indifferença teria acabado do mesmo modo, ainda que o livro do abbade Lammenais não houvesse apparecido; porque era impossivel que as intelligencias podessem conservar-se muito tempo no estado de torpor em que as tinham deixado as violentas disputas do christianismo e da incredulidade: todavia é innegavel que o tractado sobre a indifferença é o primeiro passo ruidoso da reacção da Europa contra os sophismas da impiedade; passo de gigante, e que tão notavel influencia teve na regeneração religiosa do presente seculo.

Desgraçadamente esta obra eloquente, erudita, e profunda, é, em nosso entender, falsa na sua idéa constitutiva.

A philosophia só tinha tirado de todas as fontes de certeza o scepticismo: a razão, a consciencia, a experiencia, principaes meios que Deus deu ao homem para haver de discriminar a verdade da mentira, para crer ou descrer, acceitar ou regeitar; estes meios, dizemos, applicados de má fé á questão religiosa, só tinham produzido a duvida, ou antes a negação de toda a crença, e até de toda a moral. Elementos taes de certeza, que só haviam dado semelhantes resultados, desmentiam a propria essencia aos olhos do abbade Lammenais, que tomára, como Bergier, para seu norte e symbolo o catholicismo, tal qual o encontrára a philosophia do seculo passado, e tal qual fora por ella derrubado. Renovar a questão, no mesmo campo em que tinha sido debatida, era, senão uma loucura, ao menos uma inutilidade. Impossivel se tornára acrescentar um argumento importante aos já expendidos: sobre cada ponto de doutrina havia uma controversia completa: era, pois, necessario em um livro de polemica buscar novo rumo: o abbade Lammenais acreditou ter achado o verdadeiro principio de certeza: o Tractado da Indifferença é a expressão dessa idéa.

Qual foi, porém, essa idéa; esse principio fecundo, que devia dar repouso á mente humana, balouçada em um mar de incertezas, filhas do longo disputar de quasi um seculo? — A auctoridade! Razão, consciencia, sentimento, experiencia, tudo foi condemnado pelo abbade Lammenais, como a auctoridade o fora pelo philosophismo. Era isto collocar-se em opposição completa a respeito dos encyclopedistas: era tomar por fundamento de um novo systema a formula principal, e absoluta da igreja catholica. O principio do livre exame gerára o protestantismo, e, exaggerado depois, a incredulidade, e esta lançára os espiritos em um scepticis-

mo absurdo. Partindo da extremidade opposta, o auctor do Tractado da Indifferença julgou chegar logicamente ao opposto resultado—á certeza e á fé. Seguiu-se daqui que o novo systema foi exaggerado e falso, como os que combatia.

Com effeito o abbade Lammenais não se limitou a sustentar que a auctoridade produzisse a certeza em materias religiosas: isto seria repetir o que a egreja catholica ensina quanto ás decisões dos concilios, e até, segundo tão avultado numero de theologos, quanto ás decisões do papa. Quiz ir mais longe: quiz converter em systema completo de philosophia a theoria catholica: para isto negou todas as fontes de certeza, que não fossem o consentimento geral, ou, por outra, a auctoridade; e tão longe levou a applicação do seu principio, que pretendeu provar não haver sciencia, que não fosse uma crença fundada na auctoridade, sem que desta conta se houvesse de exceptuar a propria geometria.

Com rara habilidade e força sustentou o auctor do Tractado da Indifferença este principio, e deduziu e defendeu as suas rigorosas consequencias. Dahi resultou um grande bem, o rehabilitar a auctoridade e a tradição, condemnadas absolutamente alguns annos antes por uma philosophia orgulhosa, e dar á fé humana uma taboa em que se salvasse no turbilhão de incertezas, em que naufragára a crença religiosa.

Todavia o principio da auctoridade, considerado como criterio unico e exclusivo da verdade, é não menos falso que o da razão, da consciencia, ou qualquer outro, tomado do mesmo modo exclusivamente. O livro do abbade Lammenais representa resumidamente a reacção do presente contra o passado: é um livro progressivo, embora nelle domine uma idéa falsa, porque o principio da sua existencia—o restituir preço e valia ao consenso geral—é essencialmente verdadeiro. Foi o auctor do Tractado da Indifferença, quem revindicou a sanctidade da causa do genero-humano, desmentido e insultado por homens, que dão fossem sabios e cogitadores, não valiam por certo duzentas gerações, que antes delles tinham acreditado que havia um Deus, e que cumpria adora-lo, embora variassem as opiniões sobre o culto que se lhe devia render.

Dissemos que o Tractado da Indifferença era falso na sua idéa dominadora;—no systema que representa. Repetimo-lo. Dá o abbade Lammenais um sentido falso ás expressões *crer*, *ter fé*. Não soam simplesmente estas palavras receber *passivamente* uma idéa, e quando muito transmitti-la depois: não! o entendimento humano não é a tabella do bilhar, ou a quebrada dos montes, que recebem sem consciencia a pancada ou o som para o repercutirem. O entendimento elabora e converte em substancia propria o que recebe do mundo exterior: dá-lhe a fórma da sua vida individual e intima. Em todos os factos espirituaes ha duas cousas o sujeito e o objecto; e o ente que crê, só em verdade crê, por que sente em si a possibilidade de não acreditar.

Incontestavel é—diz um philosopho moderno—que cremos mil cousas fiados só no testemunho dos homens; mas é porque essas cousas não estão em contradicção com as convicções profundas que constituem a nossa intelligencia individual. Este é em nosso entender o verdadeiro modo de considerar a questão. A certeza resulta da concordancia dos tres principios, razão, consciencia, e auctoridade, ou de um delles só, uma vez que não o contradiga algum dos outros dois.

Buscada deste modo a certeza, a victoria do

christianismo é infallivel: elle repousa em provas historicas de indubitavel auctoridade, porque além da sua clareza e força não contradizem a razão nem a consciencia. É por este caminho que nos parece teria o abbade Lammenais chegado a restaurar o christianismo, senão o catholicismo.

Dir-vos-hão neste ponto os profundos cogitadores para quem o crer em Deus é fraqueza, e a religião uma fabula: “Embora possaes provar historicamente a verdade da crença evangelica; embora os factos que apontardes não offendam a razão e a consciencia, nós traremos aqui uma enfiada de *argumentos methaphysicos d’algibeira*, com que lançaremos por terra o vosso edificio, accommettendo a religião na sua essencia, na sua indole, e nos seus mysterios: mostraremos que se historicamente não offende a razão, offende-a com dogmas absurdos, e deveis saber que o criterio methaphysico leva grande vantagem ao criterio moral.”

E nós lhes responderemos.

Vinde cá innocentes argumentadores, que lançados no caminho do genero-humano, não vos erguestes para o seguir, e nem sequer sentistes que elle passava por cima de vós, no seu progresso indefinito. Que valem hoje os argumentos methaphysicos da encyclopedia? Nada; absolutamente nada. Sabeis vós que houve na terra da *sciencia e da consciencia*, na Alemanha, um homem chamado Kant, que creou a philosophia? Sabeis vós que este homem deixou discipulos que levaram mui longe o que elle inventára?—Sabeis vós que essas philosophias do seculo 18.^o com que vos creastes são hoje um montão de ruinas, onde apenas ha que ir buscar documentos para a larga historia dos erros do espirito humano? Abri a *critica da razão pura*, e lá achareis no principio de uma pagina a palavra *Antinomias*: lede o que depois encontrardes, e vede que com equal rigor logico se provam *verdades oppostas* da maior importancia na vossa velha methaphysica. Escarneo cruel é esse; mas bem merecido. A philosophia tinha pregado segunda vez na cruz das affrontas o Verbo de Deus, e Deus suscitou um homem que tambem achou um calvario; tambem lá plantou um madeiro, e nelle expoz o philosophismo ás risadas, e escarneos do genero-humano, aggravado por elle nos sentimentos mais sagrados do seu coração.

Hoje, com effeito, que apesar dos esforços de Schelling ainda não foi possivel estabelecer a philosophia transcendente, a philosophia do objectivo ou do mundo fóra de nós, todos os argumentos contra o christianismo deduzidos da methaphysica antiga são tão ridiculos, como os em seu favor, della tirados. É por isto que recusando toda a discussão que assentar nessas bases inadmissiveis, reduziremos os nossos argumentos em favor do evangelho ás provas historicas, bem certos de que estas não tem que temer do criterio da razão e da consciencia.—

(A. H.)

(Continuar-se-ha),

OS AMORES DE BERNARDIM RIBEIRO E A INFANTA D. BEATRIZ.

TRADIÇÃO antiga é que o celebre auctor da *Menina e Moça*, tivera largos amores com a infanta D. Beatriz filha de D. Manuel, a qual por conveniencias politicas cazou com o duque Carlos de Saboia. Estes amores, celebrados já por Faria e Sousa, deram ainda ha pouco materia ao [em tudo] primeiro drama, dos que vieram começar a epocha do renascimento do nosso theatro—o *Auto de Gil Vicente*

do Sr. Garret. Esta tradição tão poetica andava sepultada por livros velhos antes de apparecer no theatro, onde se tornou popular. O genio a restituiu á memoria dos homens, dando-lhe nova vida, e novas galas e formosura.

Todavia a historia cala a este respeito: o unico homem que podia ter-nos dicto alguma cousa sobre tão tristes amores — Garcia de Resende — que descreveu miudamente a partida da infante, era mui déstro para haver de tocar em um ponto que offenderia os pios ouvidos dos cortesãos de D. Manuel, e de D. João 3.^o Com effeito, se ainda hoje parece incrível que um pobre cavalleiro trovador ousasse levantar olhos para a filha do maior rei do mundo, quão crimosos não pareceriam, então, amores tão desproporcionados?

Posto que a historia seja muda em tal materia, não o é quanto ao modo porque os portuguezes olharam o casamento da infante. Damião de Goes nos conservou ácerca disso uma memoria curiosa: “no tempo [diz elle] em que se fez este casamento da infante D. Beatriz com D. Carlos duque de Saboia, e ainda neste presente, ha-hi muitas pessoas, que dizem que o duque nem em geração, nem em estado, tinha calidades, porque lhe houvesse elrei D. Emmanuel de dar sua filha por mulher, posto que fosse segunda.”

Seria porém a causa apontada pelo chronista a unica da desapprovação que mereceu tal casamento? Não nos parece provavel á vista do que vamos dizer.

Entre os importantes manuscriptos da bibliotheca real existe um codice, que contém memorias avulsas de varios successos, nacionaes e estranhos, da primeira metade do seculo 16. É todo escripto pela mesma letra, a qual sem duvida é daquelle tempo. Entre outras cousas, ahi se acha uma noticia da partida da infante, que completa a que nos deixou Garcia de Resende, e nos dá a saber quão desgraçada foi a pobre D. Beatriz no seu casamento com o duque Carlos, e que a idéa que da insufficiencia e pouca nobreza deste se fazia em Portugal nasceu provavelmente da pintura, que voltando á patria, os fidalgos e mais pessoas da armada deviam traçar do acolhimento que em Saboia tinham achado. Damos na integra a noticia citada, sem nos cingirmos todavia á extravagante orthographia daquelle epocha, não tendo ainda acertado a saber para que sirva conserva-la na publicação de antigos ineditos, se não é para difficultar a leitura destes.

“*A ida da infante para Saboia.*”

“O embaixador D. Claudio, do duque de Saboia, havendo o que desejava, que era a mais fermosa princesa, que se podia dizer, apressou sua ida em breve. Elrei, vendo a sua vontade, e a do duque, que por cartas dava pressa á partida, ordenou uma mui boa armada de náus, galeões, caravellas, e galés, e muitos fidalgos honrados, e mui luzidos de muitos collares e chaparias.”

“E um domingo, e á segunda-feira, dia de nossa senhora das neves do anno de 1521, fizeram mostra muitos fidalgos; e a infante duqueza embarcou esse dia que eram 5 d’agosto, na náu sancta Catherina do Monte Synai, náu de 700 toneis, muito fermosa, e de dentro, toda-las camaras da infante pintadas d’ouro, e farradas de bordos. Elrei e a rainha acompanharam até dentro da náu; e a infante D. Isabel, sua irman, ficou aquella noite com ella, e dormiu. Ao outro dia foi lá elrei e rainha, e deram saráu, e trouxeram consigo a infante D. Isabel, espedindo-se todos da infante D. Beatriz, que não foram poucas as lagrimas dos espedimentos. Ao outro dia,

que era quarta-feira, partiu do porto de Lisboa com esta frota.”

“A saber: a náu sancta Catherina, capitaina, e o conde de Villa-nova por guarda da infante, e capitão mor da frota.

O arcebispo de Lisboa na náu Victoria nova, de 700 toneis.

E 11 náus outras de 400, 200, e 50 toneis.

E 3 galeões, 150 toneis.

E 12 caravellas veleiras.

E 4 galés e 2 bragantins.

E 200 homens, com muita artilharia, armas, e estrumentos de folgar; e assi correram o mar; e a um domingo, dia de S. Miguel de setembro do anno de 521 chegaram a Villa-franca de Niça, porto do duque de Saboia, a uma hora depois do meio-dia; e assi das náus como da villa se fez grão festa d’artilharia. E o duque mandou pedir á infante, que não dormisse na náu; e ella se escusou de sair por aquella noite; e vendo o duque sua escusa, foi lá em pessoa com alguns gentis-homens, e lhe pediu que em toda maneira saísse: ella o fez por conselho do conde, contra sua vontade, e de todos, e saiu com tochas; onde achou doze facas guarnecidas, para si, e para as damas, e alguns chibaos para os fidalgos, porque d’alli a Niça, onde era a povoação, pelo rio acima, era mea legua; e ahi foram ter. E a duqueza de Namuns (*Nemours*) irman do duque, e mãe delrei de França, que ahi estava, saiu fora ao terreiro das casas, onde o duque pousava, a receber; e ahi se fizeram grande cerimonia e cortesia. E d’alli foi com a infante para dentro, e assi a rainha por hospeda aquella noite. Ao outro dia pela manhan foram ouvir missa a um mosteiro de S. Domingos, pegado com as casas; e um cardeal, que hi era, disse missa, e os benzeu.....”

“(*) O duque é homem pequeno de corpo, e alvo; de rostro comprido, e feo de tudo: tem um hombro mais alto que o outro, e é um pouco azumbado, e as pernas delgadas, e muito prudente. A este casamento eram vindos um cardeal e tres bispos, e um marquez, e tres condes, e logo se tornaram. Em Niça estiveram 8 dias, nos quaes alguns justaram, e o duque deu banquete aos portuguezes: e a cabo dos 8 dias partiu com a infante para Piemonte: e á partida a infante se achou só em uma faca, com dous moços d’estribeira; e como ia de cá acostuada de andar d’outra maneira, achava-se corrida, e não soube que fazer, senão tornar-se ás lagrimas, porque a mór parte dos portuguezes eram ja embarcados para se tornar. E alguns outros que por a servir aqui se iam acompanhar, não o consentiram, que assi lhes era ordenado do duque: e ao passar de uma ponte, uns cem alabardeiros lhes puzeram as alabardas nos peitos, e não consentiram que passassem ávante. As damas iam em chibaos d’aluguer, com varas nas mãos, sem nenhuma companhia d’homem, caindo a cada passo por seguir a infante, pranteando e chorando sua orfandade, e a pouca honra e gasalhado que dos saboianos recebiam; e dizendo delle muitas pragas, e a pouca virtude e honra com que as tratava.

“A armada partiu de Villa-franca para Portugal, e vindo na costa de Grada (*Granada*) adoeceu o arcebispo de Lisboa, e se leixou ficar em Gibraltar, onde falleceu; e toda a frota chegou a Lisboa a salvamento a 5 de dezembro de 521.”

*

Transcrevemos por inteiro esta memoria, porque

(*) Bonito villão era este, — Cota á margem do ms. em letra um pouco mais moderna.

della se podem deduzir violentas suspeitas que favoreçam a tradição dos amores da infanta com o poeta. A má vontade com que ella desembarcou mostra que este casamento não lhe era demasiadamente grato: todavia isso terá facil explicação, se attendermos a que era impossivel que não lhe constasse já quão galhardo e bem posto era o azumbado D. Carlos. Mas como se explicará o procedimento daquelle principe depois de desposado com a infanta, para possuir a qual tantas diligencias fizera por alguns annos? Que causa poderia haver para affrontar os senhores e cavalleiros portuguezes, e, o que mais é de admirar em uma epocha na qual as tradições da cavalleria não tinham acabado de todo, para maltratar tão indignamente não só a infanta, mas as damas do seu sequito? Um motivo houve, por certo, para tão repentina mudança de proceder: para o saber com certeza debalde interrogariamos as trévas do passado; mas póde aventurar-se uma conjectura: a noticia dos amores da infanta com um cavalleiro portuguez teriam chegado aos ouvidos do senhor de Vallaison [Claudio] que revelaria a seu amo, depois das nupcias, o terrivel segredo que levára de Portugal, e porventura o receio de que entre os que na viagem a acompanharam existisse o seu rival, e de que alguma das damas o favorecesse, viesse a accender o ciúme do duque, e o obrigasse a partir logo para o Piemonte, embargando tão asperamente o passo aos cavalleiros que iam apoz elle, com intenções cortezes. A leitura attenta da memoria que transcrevemos parece dar grande peso á conjectura que fazemos. —

(A. H.)

DA EDUCAÇÃO EM TODAS AS IDADES.

De ordinario confundimos estas duas palavras—educação—instrucção; mas cada uma tem sua accepção diversa. A educação é mais ampla que a instrucção, porque abrange todos os meios de desenvolver e cultivar todas as faculdades do homem, segundo os fins para que as recebemos da natureza; a instrucção porém é um desses meios, destina-se a exercitar só uma especie dessas faculdades, isto é as intellectuaes. Ainda que vulgarmente chamâmos educação ao desenvolvimento das faculdades moraes, é mui lato o sentido desta palavra, porque o homem tem qualidades e necessidades physicas e intellectuaes que todas precisam de cultura e conveniente exercicio.

Mas não sabemos porque rasão, ou se falle da educação ou simplesmente da instrucção, o pensamento encaminha-se logo para a mocidade, como se esta idade fosse a unica susceptivel de exercitar as suas faculdades, de adquirir conhecimentos uteis e bons habitos, e de fazer quotidianos progressos. Este erro é grande, apesar de ser geral; porque qualquer que seja a idade do homem cumpre-lhe instruir-se e aperfeiçoar-se sempre: até o ultimo dia da vida tem esta obrigação, e não lhe faltam os meios de a preencher, se a vontade for efficaç. A natureza patenteou ao homem immensidade d'estudos e de deveres: no lar domestico o ligam muitos sentimentos e obrigações, muitas penas e prazeres; é membro d'uma familia a quem deve beneficios, e que ha-de retribuir com seus serviços. No estado politico é membro de outra familia muito maior, e se as suas affeições para com esta são menos intimas não devem ser menos generosas: quão longa é a serie de encargos que a nacionalidade lhe impõe! Tem de alargar-se tambem fóra dos limites do seu paiz; o genero-humano é credor dos seus desvelos. E além disto o seu destino immortal o prende com vinculos de admiração e respeito ao im-

menso Creador da Natureza: eis mais deveres, e mais profundos estudos para os desempenhar!

Se bem considerar-mos, nunca falta occasião de tomar uma lição, de cumprir um dever. O espectáculo tão magnifico da natureza nos está de continuo convidando, e apresenta-nos milhares de variados objectos para exercicio de profunda meditação. Não sabemos porque fatalidade o estudo das sciencias phisicas ou naturaes merece no geral tão pouca attenção aos nossos portuguezes; parece que frivolos contos os delectam, e que as verdades dos phenomenos naturaes, muito mais maravilhosos, os enfastiam: não pensam que de tão ameno estudo resulta elevar-se o espirito ao Poder Omnipotente pela consideração das suas obras, e adquirirem-se conhecimentos praticos, uteis em immensas circumstancias da vida; e que se lucra o perder superstições e crenças erroneas, e o ganhar noticias exactas dos objectos com que habitualmente lidâmos.

Por outro lado, os diversos successos da vida, os prazeres e penas de cada dia nos preparam e engrandecem o espirito, ao mesmo tempo que melhoram e fortalecem o coração. Toda a nossa existencia, como a fé e a rasão ensinam, é um aperfeiçoamento continuado, um progresso que nem a morte suspende, porque a alma vóa á condição mais feliz na estancia immortal, se o homem foi justo e benefico na terra. A rasão nos aponta este destino jucundo, e a religião, conjunctamente com a moral que é filha sua, no-lo confirma e assegura. As leis politicas concorrem tambem, posto que indirectamente, para o mesmo fim; porque regulam as mutuas relações dos homens na vida ordinaria ou civil, e prestam grande apoio ás leis da religião e da rasão. Nos estados bem organizados, as leis civis vão sempre d'acordo com as leis moraes. Além disto as leis politicas asseguram a ordem e tranquillidade publica, e protegendo as propriedades e direitos de todos, permitem que se applique cada cidadão aos trabalhos ou estudos adequados a seus interesses.

Seguindo estas leis conforme as luzes naturaes, que Deus nos deu, e com a liberdade necessaria, que nos deixou, devemos aperfeiçoar, quanto é possivel no mundo, as immortaes faculdades que nos foram confiadas, e completarmos a educação com a mira na vida futura. Seja qual for a classe da sociedade, em que nos achemos, temos sempre occasiões e obrigação de cuidar em a nossa instrucção e melhoramento: o lavrador é tão immortal como o monarcha, e se os seus destinos sociaes differem, os seus destinos moraes são identicos. Verdade é que nem todos os homens possuem talento no mesmo grau, e que os favores da fortuna são desigualmente repartidos; por isso nem todos tem os mesmos motivos para estudar profundamente as leis da religião e do estado, da moral ou da rasão: mas o Omnipotente, que nos creou para as observar, deu a todos, a fim de comprehenderem a sabedoria e utilidade dessas leis, sufficiente intelligencia e senso commum: não sepultemos portanto dotes tão formosos n'um lethargo equivalente á brutalidade: todos devem aperfeiçoar-se segundo os seus meios e necessidades. A rasão e a consciencia são de todas as condições, e as virtudes nunca foram privilegio d'uma classe da sociedade. Ás classes inferiores offerecem-se menos meios d'instrucção, mas esta circumstancia deve ser uma rasão fortissima para não desperdiçarem os que poderem aproveitar. A observação pratica da natureza, a observação attenta de nós mesmos, isto é, o exame de nossas inclinações, pensamentos, opiniões e acções, são mananciaes fecundos de preciosa sabedoria. Todo o que desejar o aperfei-

goamento da razão e de seu coração, buscará a conversação dos homens de juizo e experientes, e colherá proveito da lição dos bons livros [1].

O meio mais directo de completar a propria educação é trabalhar na educação alheia. Conhecemos pouco, porque nos observamos mal; as outras pessoas, principalmente as creanças, são, por assim dizer, um espelho onde contemplamos a nossa imagem. Não há cousa que mais contribua para que nos estudemos, instruímos, e emendemos dos máus hábitos, como o observar outros individuos e meditar nos cuidados que applicamos á sua educação. Desta verdade deduz-se um dever geral, commum aos pais de familia de todas as condigões sociaes; que é a obrigação de educar os filhos, ou as creanças commettidas á nossa guarda e direcção. Se este augusto ministerio é desempenhado com zelo e consciencia, preceptor e educando simultaneamente se aperfeiçoam; o que ao mesmo tempo prova que melhor comprehende os seus interesses quem melhor cumpre os seus deveres; e é esta ordem imposta ao mundo moral uma das mais claras demonstrações da Providencia.

Debalde porém inculcaremos consagrar desvelos á educação da mocidade, se desprezarmos a propria: é hypocrisia, que não illude, e que não dá bom fructo. Inutil será dar instrucção moral ás creanças, se o exemplo as ha-de corromper depois, se as noções que aprendem não alcançarem o futuro desenvolvimento que demandam, segundo o estado especial de cada um. A educação d'um povo deve corresponder sempre á da mocidade (2). A educação bosqueja-se nas aulas, mas só no decurso da vida se completa.

METHODO PARA AUGMENTAR A COLHEITA DAS BATATAS.

No anno passado, na colheita das batatas, passeando por campos semeados desta raiz tuberculosa, observei que d'alguns pés, que eu tinha marcado cortando-lhe as flores á medida que appareciam, o numero de batatas, que se colhiam, era muito maior que o de todos os outros a que tinha deixado a flor. Já presumia que assim devia ser, em virtude de serias reflexões, que fizera sobre a vegetação. A reproducção [dizia eu] é o fim principal da natureza, portanto se supprimir as flores, e por consequencia as sementes, necessariamente obrigarei a seve a descer para as raizes, e a augmentar os tuberculos, quer em numero, quer em grandeza.

O primeiro resultado incitou-me a fazer outra experiencia mais concludente, em ponto maior, e sempre debaixo da minha inspecção. Mandeí plantar cuidadosamente um pedaço de chão de batatas da mesma especie; e vigiei a vegetação. A minha intenção plantando exclusivamente d'uma só qualidade era obter vegetação semelhante em todos os pés de batateira, para tirar mais forte conclusão.

Cresceram bem as plantas; os caules, ou talos chegaram a quasi cinco palmos d'altura, e quando as flores appareceram mandei decotar os ramos, obra de cinco pollegadas, deixando em cada fieira de pés dois ou tres salpicados a que não extingui as flores, para observar as differenças dos productos na colheita. Nos primeiros dias de Outubro vi que os ramos e folhas das plantas, que não tinham dado flor, es-

tavam vigorosos e d'um verde fechado, e que as outras estavam amarellentas; tinham por tanto chegado á madureza. Mandeí colher as batatas no fim do mez; e eis-aqui os resultados que obtive. —

1.^o — Cada pé, que não chegou a dar flor, produziu um cabaz de batatas bem creadas: o pezo médio de cada cabaz orçava por uma arroba; e os pés tinham raros tuberculos pequenos.

2.^o — Cada pé, que deixei dar flor, produziu pequeno numero de tuberculos, ou batatas de tamanho mediocre, e muitos desde o tamanho de uma avelã até o d'uma noz. O peso da colheita de cada pé, junctando ainda os tuberculos mais diminutos, não chegava, termo médio, a quatro arrateis e uma quarta.

Por consequencia é indubitavel que a extirpação das flores durante a vegetação das batateiras augmenta a colheita. Esta experiencia repeti dois annos a fio com todas as cautellas possiveis. — LE NORMAND. — *Gazette Agricole et Veterinaire.*

A CALUMNIA.

AQUELLE que chamou á calumnia um vicio, era um adulator, a calumnia é um crime, e um crime monstruoso, tão velho como a sociedade, de quem recebeu o nascimento. E a molestia incuravel das almas fracas, que, não podendo igualar aos que invejam, vingam-se em os calumniar. “É um fel, dizia Charron, que corrompe todo o mel da nossa vida,” que envenena a sociedade; e quantas vezes com apparencia d'interesse, e até d'amisade!

Para quem possue alma nobre e generosa a honra é mais que a vida; um calumniador é mais odioso que um assassino; este matando-vos só vos tira a existencia, porém aquelle rouba-vos a reputação, que vale mais que tudo.

Um escriptor de talento exprimia com muita justiça um pensamento inteiramente novo quando dizia “A calumnia assemelha-se ao carvão, que enegrece e suja quando não queima.”

Todo o calumniador é cobarde, e devia ser expulso da sociedade; porque aquelle, diante de quem calumnia os seus concidadãos, deve dizer consigo “este malvado dirá o mesmo de mim na minha ausencia.”

Em Roma, no tempo da republica, o calumniador era marcado na testa com a letra K, assignalada com ferro em braza.

A igreja anathematisou os calumniadores, como assassinos, até á morte.

Um concilio de Latrão julgou os calumniadores indignos do estado ecclesiastico ainda que para o futuro se corrigissem. Finalmente o papa Adriano os condemnou á pena d'açoutes.

É extremamente difficil, e rarissimas vezes acontece, encontrar-se o calumniador em flagrante delicto.

Espalha-se um boato perfido que offende nossa honra; se quereis remontar á sua origem, só os echos vos respondem, a voz já emmudeceu.

Se interrogardes aos que accusam, perguntando-lhes d'onde sabem o que repetem, não obtereis outra resposta, senão estes termos vagos, *diz-se, assegura-se que um certo individuo, cujo nome não sei, afirmava hontem n'uma reunião, que, &c.* Rodeio vergonhoso, traição infame, que ousa associar a multidão á negra infamia, pondo desta sorte a cuberto o verdadeiro culpado, e só apresentando uma sombra a quem, por interessado, anhela encontrar um objecto real.

(1) A's pessoas, dadas a serias leituras, recommendamos o tratado de Mr. de Gerando, *du perfectionnement moral*, 2 vol. 8.^o; e a obra de Mad. Necker de Saussure, *de l'education progressive*, 2 vol. 8.^o; nestes escriptos se encontrarão ampla e magistralmente desenvolvidas as ideas que expozemos.

(2) Consulte-se a obra de Mr. Matter, inspector geral dos estudos em França, intitulada — *de l'influence des mœurs sur les lois.*

Varios escriptores disseram que o envenenador era o mais vil dos homens, mas quanto se enganaram!, mil vezes é mais vil o calumniador; porque o que bebe a taça fatal é por dores promptas prevenido da morte que o ameaça, e póde ainda empregar um antidoto efficaz; porém a calumnia, veneno moral d'espantosa actividade, fere e assassina logo a victima. Todos sabem de que esta morre, só a misera ignora o proprio mal, e quando chega a conhece-lo é já tarde, e sem remedio; uma justificação é empreza mui difficil, e apesar de ter sido proferida na ausencia a sentença é sem appellação; debalde clama com energia a alma indignada do offendido *mentira! mentira!*, a infame e hippocrita impostura tinha já vociferado que era verdade, e os echos repetiram *é verdade!* porque mais promptamente se acredita o mal do que o bem.

Apelles, um dos mais celebres pintores d'antiguidade, tendo escapado á morte a que fôra sentenciado por Ptolomeu, rei do Egypto, em consequencia da calumnia que lhe urdira Antiphile, seu rival, retirou-se a Epheso, e ali compoz o famoso painel da calumnia, que foi obra prima da antiguidade; neste bello quadro apparecia primeiramente em scena a *calumnia*, que com vista ferrenha parecia sair ao encontro á *crueldade*, que com grandes orelhas e a boca aberta, sentada n'um throno, tendo á direita a *ignorancia*, e á esquerda a *suspeita* estendia os braços á *calumnia*. Esta figura, principal do quadro, occupava o centro, com a mão direita brandindo a tocha da *discordia*, e com a esquerda arrastando pelos cabellos a *innocencia*, que sob a figura d'um menino olhava para o ceu como querendo tomá-lo por testemunho de tão barbara injustiça.—Apoz da *calumnia* vinha a *inveja* de cor livida, olhos penetrantes, e faces descarnadas, acompanhada pela *astucia* e pelo *engano*.

Em certa distancia via-se o *arrependimento* vestido de lucto com os olhos banhados em lagrymas, lançando olhos de compaixão para a *verdade*, que envolta em uma nuvem sombria de fumo formada pelo facho da *calumnia* mal podia divisar-se.

Quão bella e expressiva era esta pintura! Era bem capaz d'inspirar a seguinte apostrophe vehemente d'um sabio moralista—Malvado calumniador, confunde-te e desaparece: peste do inferno, és o membro mais criminoso e mais vil da sociedade; alma fraca, que só accoimettes em segredo, ou para melhor acertares os tiros, ou para te abrigares do justo resentimento da honra, que feres, as leis te persigam, os homens te abominem, e o ralador remorso seja o premio da tua perversidade.

UMA CARTA DE AFFONSO DE ALBUQUERQUE.

SENHOR—Eu tenho tamta necesydade de meus parentes vos falarem por mym e Requererem minhas cousas ante vosalteza que nam sey como ousado de fazer por ninguem porém eu ey de fazer meu dever beijarey as maaõs de vosalteza recebermo como obra de minha obrigacão queneste caso tenho a minha Irmaõ e a meus sobrinhos e a meus parentes o por que isto digo a vosalteza he por pere alvarez meu cunhado casado com minha sobryna filha de minha Irmaõ Criada de vosa alteza e da Senhora Rainha eu fuy o que comcertey e ordeney este casamento e lhe fiz dar da fazenda de minha Irmaõ e de meu Cunhado domferdando mais em casamento (*) do que seu movell e rraiz podia abastar e que por era muy boom fidalgo e merecedor disto e

(*) Os pontinhos denotam o que se não pôde lêr.

..... cousa mayor todavia se teve respeito e omrra e credito que vosalteza tinha de sua pessoa e o comtamento de seus serviços e de sua bondade e cavalaria e davermos todos por muito certa sua medrança e galardam de seus serviços e ser de tall pessoa e asy acceito a vosalteza e emcarregado per vosalteza em carregos omrrados que nos pareceo que nam podia deixar daver de vosa alteza omrra e mercee por sabermos que era cavaleiro homem avisado e que ha de dar em todo tempo e em todo feito boarezam de sy como vosalteza ja dele tem tomado a esperyencia agora Senhor veio esta qebra sua ante vosalteza durar muitos dias em tempo que vosalteza se serve jeralmente dos cavaleiros e fidalgos de voso Reino e comquista os quaes Recebem merce Remdas com segundo cada hum faz e merece por se u curchado pere alvarez homem desejador em obros e em dito e em feyto ser sempre de vosalteza e feitura e obra de vosas maõs apartado asy de vosa vomtade e prazer que nam posso saber que descomtamento he este que vosalteza de sua pessoa temq ue asy o temdes lançado de voso serviço e quanto me anim mais parecese que a culpa deste feito era sua tanto mais mau de parecer e ey de crer que ele certo o perdã e galardam de vosalteza como viimos por esperyencia em outras pessoas serem lhe seus erros perdoados e feita omrra e dado Remda e merce e outros a vosalteza e porque a comdiçã dos portugeses he criarnos vosalteza e nos castigar fazer merce e nos chamar e desagrar e se servir de nos e nos tirar de nosos Rufos e errados conselhos como jeralmente cada dia vosalteza faz por omde tornamos logo a por nosas vidas ho cutello como noso Rey e Senhor verdadeiro e cada hum se trabalha por vos merecer devia pere alvarez de ser por muytas Rezoës hum destes e se minha pesoa e valia ante vosal. de isto mercer eu Senhor vos beijarey as maaõs por elle ser chamado de vosalteza aconselhado e rreprendido e tornado em vosa graça e serviço por que he homem que eu sey certo que tem vosalteza comtamento de sua pesoa e de todas cousas homrradas que nele ha para algumas necesydades de voso servyço que lhemcarregardes e esforçome Senhor a dizer porque sey que tem vosalteza tomado a esperyencia de sua pesoa e de seus serviços e que em todollos feitos em que ele poser as maõs que vos ha de merecer merce beijarey as maõs de vosalteza lembrarse dar alememt mãos sobre mim pelo falecimentto que a em minha companhia e ajuda e perder a escamdolo que de mim tem sem tela pere alvarez apartado de voso ser vosa corte e Senhora Rainha como da morte de seus filhos acabada em calecute a dois dias de dezembro de mil quinhentes e quatorze = feytura e servydor de vosa alteza = affonso dalbuquerque.

Extrahiou-se esta copia da parte primeira do Corpo Chronologico, maço 17, documento 1.º

Prodigioso dorminhôco.—Em um jornal de França lemos que um tal Maurice, no Departamento do *Sena Inferior*, acordára em 31 de Dezembro do anno passado de um somno que durou dezesete dias. Desde Abril de 1826 tem experimentado já quatro somnos semelhantes: no 1.º dormiu dez dias; no 2.º cinco; oito no 3.º, e dezesete no que ora mencionamos.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.